abralic
XIV Congresso Internacional
Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias

ANAIS ELETRÔNIC
ISSN 2317-157X

AS MÚLTIPLAS HISTÓRIAS DA ÁFRICA

Antonia de Thuin (PUC-Rio)

Eneida Leal Cunha (PUC-Rio)

RESUMO: A produção africana contemporânea é contaminada pelo biográfico como forma de lidar com a sua narrativa. Os autores José Luandino, Ruy Duarte de Carvalho, Chimanandah Ngozi Adichie, TJ Dema, entre outros, ao seu modo produzem textos que se colocam em um limiar entre a biografia, o relato pessoal, e a ficção. Usam isso para de certa forma colocar em questão o que Chimanandah chama de história única, um relato único que definiria todo um continente. Relatos pessoais se misturam aos documentos históricos e criam histórias singulares de uma África que não depende mais do que se fala sobre ela. Luandino em seus últimos romances fala de documentários em uma ficção, misturando os domínios, Ruy Duarte faz do relato de viagem sua forma de contar uma história, Chimanandah em suas palestras nos coloca em questão que história quer contar e TJ Dema cria um ambiente em seu blog de relato do dia a dia, usando fotografias e vídeos, bem como seu corpo, para deixar essa linha ainda mais tênue. Nessa comunicação pretendo apresentar um esboço da análise de como esses autores lidam com essas fronteiras borradas. Busquei na literatura dos autores tratados a base para falar dessa busca no começo de minha pesquisa.

Palavras Chave: África. Oralidade. TJ Dema. Chimanandah Ngozi Adichie. Americanah

1.Introdução

Ao longo desse trabalho, pretendo apresentar o início da minha pesquisa de doutorado, os caminhos por onde andei nesses seis meses desde que entrei no programa de Literatura, Cultura e Contemporaneidade de PUC-Rio e o caminho que eu tenho interesse em seguir de agora em diante. Quando me inscrevi para participar do congresso da ABRALIC, tinha assistido pela segunda vez faz pouco tempo a palestra de chimananda no TED talks, na qual ela fala dos perigos de uma história única. Do

problema causado por isso a um continente inteiro tratado como um só. Da falta de leitura da história como empecilho para que possamos compreender e visualizar o outro.

Chimananda Ngozi Adichie fala especificamente de como nós, fora do continente africano, visualizamos a África como um todo indivisível, parado no tempo, isolado do resto do mundo, que ainda passa por guerras tribais e no qual todos, sem exceção, sofrem com a fome. Como ela coloca em um trecho de sua fala:

> Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando eu disse que, por acaso, a Nigéria tinha o inglês como sua língua oficial. Ela perguntou se podia ouvir o que ela chamou de minha "música tribal" e, consequentemente, ficou muito desapontada quando eu toquei minha fita da Mariah Carey. (Risos) Ela presumiu que eu não sabia como usar um fogão. (ADICHIE, julho de 2009)

A história única aqui se refere não só ao apagamento das diversas histórias dos países africanos, mas também das diversas histórias pessoais ocorridas na África. Durante minha pesquisa, que ainda está começando, pretendo falar a respeito de diversos autores, artistas e pensadores africanos que por vezes se colocam e se posicionam em sua obra como forma de inserir nessa obra as múltiplas vivências que ocorrem em seu continente. Portanto, ao longo dos próximos anos, pretendo combater com minha pesquisa a história única da África, mostrar as múltiplas histórias e as múltiplas possibilidades que surgem no continente. Falando de sua história pessoal – ou da história pessoal de um personagem – em relação à história do continente africano ou de seu país, cada um deles de sua forma contribui para colocar em evidência essa diversidade possível de histórias criadas.

2. Tateando

Ainda de forma incipiente, começando a selecionar esses autores que falam dessas diversas Áfricas, começo aqui por falar do autor que estudei durante meu mestrdo. José Luandino Vieira, em sua trilogia inacabada – só dois romances foram publicados até agora – revisita suas memórias do período de luta pela independência e

mistura a elas toda a história de combates levada adiante por gerações de angolanos, desde a rainha Njinga, figura quase mitológica, entre real e ficcional de fundação de Angola, terminando com reflexões sobre a Angola dos dias de hoje. Mas ainda não é exatamente essa questão que me interessa na pesquisa.

Como um dos primeiros exemplos desse meu tatear em busca de que histórias quero mostrar, falo de Ruy Duarte de Carvalho em Desmedida, romance autobiográfico, relato de uma viagem do autor ao encontro de uma história, viagem que também foi a minha em determinado momento da vida, em que quis também ver as paisagens dessa história. Ruy Duarte Carvalho aqui sai do papel de antropólogo para se tornar também um viajante, faz parte da história, dialoga com o que acontece ao longo do caminho, colocando suas descobertas e surpresas, empecilhos e questões para perseguir o caminho feito por Riobaldo e Diadorim, para seguir o que Guimarães Rosa indicou em seu romance Grande Sertão: Veredas. Desde a chegada ao Brasil até a foz do Urucuia, em pleno São Francisco, o narrador relata cada pedaço que o levou ali, cada diálogo e dificuldade, como que buscando um reencontro seu com a sua história. Não é raro autores africanos de língua portuguesa falarem de Guimarães Rosa como referência em seu trabalho, e aqui a viagem se torna parte disso. O caminho descrito por Guimarães Rosa precisa ser vivido, não apenas lido.

Aqui preciso parar e falar mais da minha relação pessoal com essa história, do porquê de ter escolhido esse livro para falar sobre narrativa pessoal. Também fiz o caminho do Grande Sertão, faz muitos anos. Desci margeando o Urucuia até o São Francisco, para tentar conhecer o Sertão e toda essa parte do Brasil que desconhecia, apesar de sempre ter vivido aqui, também fui seduzida pela ideia de conhecer os caminhos de Riobaldo e Diadorim, e esse caminho mudou de alguma forma a minha relação com Guimarães Rosa. Talvez sem essa questão pessoal esse livro não tivesse me interessado tanto.

3. Chegando ao objeto

Chego então em uma das autoras sobre as quais quero me aprofundar. A primeira, Chimananda Ngozi Adichie em seus livros como que tenta provar seu discurso do TED, citado no início, procura mostrar como pessoas nascidas na África podem ter diversas histórias. Que o continente ou a nacionalidade não são os únicos cortes de identidade aqui. Há, dentro do continente e dentro de cada país, diversos outros recortes que definem cada identidade. De gênero, de raça, de classe social, de origem, de tribo, como em qualquer outro espaço no mundo. Como nos Estados Unidos, por exemplo, no trecho abaixo de seu livro Americanah:

> **"Entendento a América para o Negro Não Americano:**
>
> **O tribalismo americano**
>
> Nos Estados Unidos, o tribalismo vai muito bem, obrigado. Existem quatro tipos: de classe, ideologia, região e raça. Em primeiro lugar, vamos ao de classe. É bem fácil. Ele separa os ricos dos pobres.
>
> Em segundo lugar, de ideologia. Liberais e conservadores. […] Finalmente, o de raça. Existe uma hierarquia de raça nos Estados Unidos. Os brancos estão sempre no topo, especificamente os brancos, de família anglo-saxão e protenstante, conhecidos como wasps, e os negros sempre estão no nível mais baixo, enquanto o que está no meio depende da época e do lugar." (ADICHIE, 2015, p. 201)

O seu romance mais conhecido, Americanah, por vezes se perde ao tentar provar sua ideia. Ela reforça em cada pedaço a multiplicidade possível, cada personagem singular, não semelhante em nada a nenhum outro. Por vezes o livro chega a ficar caricato nessa tentativa de ser didático, de explicar a questão das múltiplas histórias possíveis. A Nigéria como singular na África, e cada tribo como singular na Nigéria, e cada pessoa singular na tribo. E os negros da África como diferentes dos da América. Em determinado trecho, fala da singularidade de cada grupo de imigrantes nos Estados Unidos:

> Nigerianos, ugandenses, quenianos, ganeses, sul-africanos, tanzanianos, zimbabuanos, um congolês e um guineano ficavam ali comendo, conversando, incentivando uns aos outros, e seus sotaques diferentes formavam redes de sons consoladores. (ADICHIE, 2015, p. 152)

Aqui novamente a autora parece tentar mostrar uma tese, provar seu ponto de vista, reiterar a necessidade de não pasteurização das múltiplas histórias e vivências em uma só. Ainda mais se lembrarmos da história de vida da autora, que sai da Nigéria realmente para a América. De forma muito parecida com a da personagem, deixando uma impressão de um roman a clé, de que poderemos encontrar os personagens andando pelas ruas de Nairobi.

O que se percebe aqui, na verdade, é uma força maior, uma importância maior, ao seu trabalho como palestrante. É porque pensa na importância de falar sobre isso que escreve seu romance, porque sabe a necessidade de desmistificar a história única a ela imputada ao longo de tantos anos. E assim a escrita vem à reboque de sua fala, a fala tomando papel central em sua produção intelectual, ocupando espaço de criação tanto quanto a escrita, e norteando mesmo o caminho a ser tomado por sua escrita. A fala, e o discurso falado, para ela assumem maior força do que o discurso escrito, portanto, borrando a linha divisória entre os discursos, que se misturam, um dando força ao outro, um falando da mesma questão que o outro. Assim, Chimanandah Ngozie Adichie se coloca como corpo e presença também em seu discurso. Se procuramos em seu livro fatos e detalhes que nos mostrem que é autobiográfico, é porque suas palestras, em sua fala, nos deixam essa dúvida. Com sua presença, ela cria uma nova percepção aos seus leitores do que é a sua obra.

TJ Dema, a última de que falarei, borra ainda mais essa linha entre o que é ela e o que é o seu trabalho. O seu trabalho, que consiste basicamente em poesia oral, precisa do seu corpo para existir. Fora da oralidade, sua força se perde. E com isso a margem entre corpo e literatura em seu trabalho fica borrada, ela cria uma literature performance, que em momento nenhum pode esxistir sem as duas partes. Não é que TJ Dema não escreva sem a performance da leitura de sua poesia. Para divulgar seu trabalho de acadêmica e escritora, TJ usa um blog. Uma ferramenta online que busca mostrar as múltiplas possibilidades de seu trabalho. Onde, por meio de vídeos, áudios, textos e fotos ela coloca a sua produção, nas diversas formas em que se apresenta. Não há aí um personagem em si, criado como diferente dela, para falar por ela. Mas sim uma

escolha da narrativa que ela quer mostrar de si, do que faz. Em paralelo ao que mostra de sua obra, fala também em vídeos sobre suas questões acerca da África, suas visões de mundo, como por exemplo em um post em que discorre acerca de sua viagem ao Brasil para se apresentar, em que comenta o calor e as caipirinhas, ou um posto longo e detalhado sobre as eleições em seu país, o Botswana, enclave pouco conhecido no interior do continente africano.

Talvez em um eco ao que Chimanandah fala, uma das falas e também um dos textos do blog discorre sobre sua língua materna. O shosa. Sua segunda língua. O setswana – lembrando que setswana é a língua e Botswana o país e a nacionalidade, é uma língua que funciona com prefixos. E sua primeira língua literária. O inglês. Foi só através de um aprendizado de fala e escrita que passa por ter o domínio das três línguas e das três culturas que TJ Dema pode começar a criar. Nem a própria TJ Dema, portanto, tem uma história única. E Botswana, seu país, não tem uma só língua. Tem diversas, para contar sua história.

4. Conclusão

A minha pesquisa ainda está incipiente, mas se coloca na direção de buscar a multiplicidade de histórias possíveis na África, com enfoque cada vez maior na questão da oralidade praticada no continente. Da poesia oral à literatura que também se mistura com a performance, as possibilidades são vastas e se apresentam com força e facilidade de divulgação, fato permitido pelo acesso à rede mundial de computadores e pela possibilidade da criação de redes de diálogo e produção como antes não se permitia.

A partir do grupo de TJ Dema e de outros grupos de produção de literatura oral, buscar essa produção atual, encontrá-la na medida em que é disponibilizada, sobretudo online.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi Vídeo encontrado no site TED http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br

_____. *Americanah*, São Paulo, Companhia das Letras, 2014

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Desmedida: Luanda, São Paulo, São Francisco e volta*. Rio de Janeiro, Língua Geral, 2010

Dema, TJ - Vídeo encontrado em http://tjdema.blogspot.com.br/?view=flipcard

_____.https://www.youtube.com/watch?v=stlJ2jowNyY

_____.http://tjdema.blogspot.com.br/?view=flipcard

_____.https://www.youtube.com/watch?v=OqFBW_4a_zM

SANTIAGO, Silviano - Aula no curso do professor Karl Erik Scholhammer, em maio de 2015, gravada em vídeo.

_____. *Entrevistas* org. Frederico Coelho Rio de Janeiro, Beco do Azougue, 2011

_____. "Tenho duas mãos e o sentimento do mundo" in Cenários Contemporâneos da Escrita org. Heidrun Krieger Olinto e Karl Erik Schøllhammer. Rio de Janeiro, Sete Letras, 2014

VIEIRA, José Luandino, *De Rios Velhos e Guerrilheiros I O Livro dos Rios*. Alfragide, Editorial Caminho, 2006

ANAIS ELETRÔNIC
ISSN 2317-157X

_____. *De Rios Velhos e Guerrilheiros II O Livro dos Guerrilheiros*. Alfragide, Editorial Caminho, 2009